



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade: Casa do Gaiato, 14 Pórtico—Praça da Seara  
Vales do Correio para Oeste—Preço 1000

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvaros B., Santa Catarina, 628-Pórtico  
Visado pela Comissão de Censura

## UM CASAMENTO



Celeste Baía



José Simões Cabeça

O dia tinha sido previamente ajustado e na véspera, um sábado de Abril, chego a Coimbra ao cair da tarde. Segui no *Morris* tencionando continuar nêle até Lisboa, como de facto aconteceu. Não procurei o Lar dos Pupilos, à minha chegada, escolhendo, de preferência, a casa de um amigo, aonde tenho cama e mesa, que este é o privilégio de quem, por amor de Deus, se despoja de tudo. Qual é, então, esse privilégio? Encontrar tudo e sempre.

Tinha eu lavado as mãos e a cara, como é costume depois de longas viagens. Estava agora à minha vontade, regalado, numa cadeirinha de conforto. A creada do meu amigo, dava voltas na cozinha... Tudo muito lindo e muito bem. Nisto, ouve-se a campainha. Uma vez. Duas vezes. A cozinheira não vai abrir, de ocupada! Fui eu. Quem era. Quem havia de ser o *impertinente*? Não era um. Eram muitos. Eram 7 rapazes do Lar, maioral à frente: — *O jantar não é aqui. É em nossa casa. É no Lar. Se V. não vem, vamos buscar mais sete!* Não foi preciso ir buscar mais ninguém. Fui. Um que tivesse vindo, eu iria na mesma. Não é a força que vence. É o amor. Quizera ficar aonde estava. Tenho necessidade de me refugiar, de vez em quando, mas não posso fazê-lo. Os rapazes, não compreendem que a vida tenha o seu desgaste. Só hão-de dar fé quando a deles começar a desgastar-se. Fui. Estavam todos à mesa. Comemos. No fim do jantar, reza-se o terço em comum. Cada semana preside seu pupilo. Acaba a oração. Ninguém se levanta. Há silencio.

— Diga alguma coisa à gente!

As cadeiras, puxadas da mesa no fim da refeição, estão agora encostadas às paredes da sala e cada um sentado em cada uma.

— Diga-nos uma palavra; vai-se amanhã um embora.

Era o noivo. O Zé Simões. Estava ali no meio de nós. Não é o caso de levar saudades e deixar saudades. Não é, que o rapaz não vai partir. Muda de lar. Eu disse duas palavras. Desejei que os até ali namorados, de amanhã em diante, continuassem a ser namorados. Disse mais coisas. A eloquencia não era minha. Vinha toda do lugar e da ocasião: Um filho que se vai casar, a ouvir do pai, ao pé dos irmãos, os derradeiros conselhos. O noivo, dá-me o seu retrato mai-lo da noiva. Quereria falar, mas escreveu e eu guardo: — «Saio de um lar para outro. De onde saio, consegui formar o meu ideal e furtalecer a minha vontade. Consegui pelo meu esforço regras de disciplina, de método e de ordem moral. Tudo isto levo para o meu novo lar, aonde espero manter com a minha companheira a integridade do meu caracter. A *Obra da Rua* manifestarei

Continua na segunda página.

## VISITANTES

Se êle há gente no mundo de quem eu não tenha queixa nenhuma, mesmo nenhuma, são os Visitantes. Tenho de pôr maiúsculas. São visitas solenes. Não sei se eles passam palavra, ou se conversam uns com os outros antes de entrar, ou se quê. O que eu sei é que todos se explicam. Salvo, já se vê, um ou outro curioso que vem confirmar a regra da oposição.

No domingo passado, estive cá um automovel de Lisboa, com uns senhores. Vinham muito interessados. Demoraram. Fizeram perguntas. Quizeram saber se tínhamos regulamento—e qual. Eu disse-lhes que verdadeiramente regulamento não tínhamos. Que os regulamentos são para cumprir, ou então, não se fazem. Por isso não os temos. Temos normas. Isso sim. Eu dei ós senhores da capital o retrato de um dos nossos dias de trabalho. Vou aqui reproduzi-lo, para que todos os leitores fiquem a saber de uma vez para sempre e não venham prá cá seringar. Eu disse assim ós senhores: O cozinheiro de semana, põe o despertador nas seis, hora a que se levanta para fazer o almoço. Ele saiu ontem à noite da cozinha uma hora mais cedo do que o seu companheiro, para assim estar de manhã mais folgado. A's seis e meia, vêm os refeiteiros. As mesas ficaram postas de véspera,

sim, mas, contudo, é preciso ageitar e começar a servir as papas. A's sete horas, está a malta. Está o chefe de cana na mão: *calados!* Estão o *Marão*, o *Nero* e o *Top*, às migalhas. Andaram soltos toda a noite. De dia, prendem-nos, mas só depois das papas. Estão os gatos na mesma tarefa. Começam a sair. Primeiramente os serventes de pedreiro e de tralha. Andam obras. É preciso cal. Depois os das oficinas, os do campo. Todos.

A's sete horas e meia, chega o *Molestia* ao refeitório dos pequeninos com a sua gente. O *Figados* tem as mesas prontas e o leite servido. É sentar, beber e andar. Para onde? Estes não teem aulas, mas teem outras ocupações. Nesta altura, já os crescidos andam em seus officios. Até às nove e meia, hora da sineta para as aulas, tem de aparecer muito servicinho feito. Nós não temos creadas nem creadas. Fazer 140 camas. Limpar. Varrer. Isto nas casas, no refeitório, na rouparia, nos quartos dos senhores. Capoeiras, Pocilgas. Em toda a parte é o Rapaz. *Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes.* Toca a sineta. Escola. Lá vai o *pastelão* pelas obrigações de cada um, enxotar. Para isto, nenhum como o *Garil* Ele levava a tropa toda à sua frente, de vara na mão, mesmo até à portinha das aulas, e regressava, contente, à sua obrigação. Ele já tinha a 4.ª classe. Sim. Como êle ninguém. O *pastelão*... é o pastelão!

Estamos agora no meio dia. Não se descreve esta hora. Comer! Comersinho certo, a rescender. Já ontem assim foi. Amanhã outra vez. Oh hora! Dantes não era assim! Imediatamente a seguir, vem o campo de jogos. A bola. O saltar. Outra vez a sineta. Outra vez aulas e trabalhos. Os cozinheiros com seus ajudantes e os refeiteiros, ficaram nos seus lugares, a arrumar. Também teem a sua hora de recreio, sim, mas não à mesma hora. Estamos agora nas seis da tarde. Outro toque da sineta. É a merenda. Forma-se a bicha. Que bicha! Os pequeninos chefes estão de lado, a vêr passar. De vez em quando ouve-se uma noticia triste: *alto! Esse não trabalhou.* É a sentença. Não tem merenda! Vem agora o tempo do silencio. Até às 8 horas, temos trabalhos intelectuais: escola, canto, catequese. É a minha hora. É também a tua, visto ser nela que eu faço o *Gaiato!* A's oito, o sacristão puxa a corda do sino da capela, que é, agora, um cadeirão de ferro. Vamos a vêr quanto ele dura! Temos o terço. Temos a ceia. Temos o tribunal, quando há matéria. Temos as boas noites. Despeja-se a Casa mãe para as casas de cada um. Ficam os da cozinha e os do refeitório a pôr as coisas no seu lugar. Nas casas, também os chefes de cada uma procedem à revista da limpeza: *vai-te lavar melhor!* A's vezes há sarilhos, mas quem os faz que os desfaça. Ora aqui temos. Isto é a Casa do Gaiato. Claro está que em congeneres estabelecimentos, pautados e regidos, as coisas passam-se de outra maneira:

Mais ordem. Mais aprumo. Mais disciplina. Menos alegria!



A *Obra da Rua* já tem netos. É uma neta. É filha do Manuel Carvalho. A fotografia foi tirada na varanda do lar de Coimbra. A casa dele, também em Coimbra, não tem varanda nem soll. Saem de casa da mãe prá da madrastra! Em Lisboa, tenho um filho casado, a viver em um quarto particular, à espera de casa! Está assim há um rôr de tempo... e estará!

O GRUPO DE FUTEBOL DA CASA DO GAIATO DO PORTO JOGA EM 25 DE MAIO NO CAMPO DA CONSTITUIÇÃO

# UM CASAMENTO Do que nós necessitamos

Continuação da primeira página

«a minha gratidão, «com o meu procedimento na «sociedade». Retirei para a casa do meu amigo. Pedi que fossem muito pontuais e no dia seguinte, às 10 precisas, estavam os dois aos pés do altar, na Sé Velha de Coimbra. Que ninguém jamais se atreva a separar as almas que Deus uniu, pelo sacramento do matrimónio!

A casa de sua mulher e família, fica a dois passos do templo. Elas são quatro irmãs. Uma, casou-se agora. Outra, vai casar-se brevemente com um dos nossos rapazes. As outras, espera-se que também. Houve um pequenino *copo de água*. Eu estive. Tinha de estar. Viera de Paço de Sousa propositadamente para assistir à festa, e o *copo d'água*, faz parte dela. Mas não é tudo. Havia mais festa. E' que eu ia para Miranda, com passagem por Louzã. Soube-se disso na reunião. Pois tanto bastou para que um dos rapazes me segredasse:

— Leve os até à Louzã. E' a lua de mel!

Pois sim. Achei bem. Passou-se recado. Num instante, estavam os dois no *Morris*. Deixei-os na vila e fui-me para a Casa de Miranda. Eis de como foi o casamento de Celeste Baia com José Simões.

O casamento, é o acto final dos rapazes da nossa obra. Alguns fazem actos mal feitos. Sim. Tem acontecido. Para que é que há-de a gente esconder a verdade? Ou dizer sómente uma parte dela? Se assim fizesse, os leitores haviam de ficar a supor que a Obra da Rua é perfeita, e isso não é assim. O que é, não costumo fazer aqui relatórios das coisas que me desgostam. Basta a desdita dos que se teem amancado e as lágrimas que por isso mesmo eu choro.

Eles veem e sabem de manebias em redór. De iguais. De maiores. De grandes. Eles teem ouvido fazer oscarneo da água benta e do latim do *padre* e igualmente teem ouvido que o tal casamento pela igreja não é mais que água benta e latim. Isto tudo, mais a natural herança deles, tem feito com que alguns fiquem para trás. E não são mais, porque se tem lido em nosso Lar *O Matrimónio Católico* do Padre António Brandão. Ali vem tudo menos a água benta e o latim.

A' hora do costume, estavam à mesa, na Casa do Gaiato de Miranda. Era Domingo de Pascoela. Ainda havia coisas da Páscoa... Foi caldo e arroz de pato e fruta. Os comensais, ali, sobem a 50 e tal. E não vão mais alto por falta de alojamentos. Dei notícias das casas do Porto e de Paço de Sousa. Dei amendoas e rebuçados e bolachas, pacotes que retirei do *Depósito*, à minha passagem pelo Porto. O chefe mandou fazer bicha, mas a novidade e a abundancia tornaram alguns um nadinha impacientes, pelo que não foi ordenada a bicha como devia ter sido. Subi aos meus aposentos a descansar, mas fui pouco feliz. O *Radio* deu comigo e desata a pedir dois contos para um carro — *que os cinco que v. deu ó Camilo são pró bois mas não dão pró carro*.

Resolvi sair da hora de repouso, atormentado, e dar ordens ao motorista para pôr o *Morris* em marcha. Assim se fez. A tropa junta-se. As senhoras. O senhor professor. O Ti Pedro. O Leão. Os gatos. O *Radio* agarra-se a mim e não me quer deixar ir: *ande lá. Deixe os dois contos*. E com esta cantiga segue ao lado do carro, até ao fundo da ladeira que vai dar da nossa casa à estrada. *Deixe sequer ó menos um conto e meio!* Este *Radio*, que é o Pedro da Figueira, era um dos rapazes mais postulentes que nos tem aparecido. Postulento no corpo e na história. Hoje, é um amor de rapaz! Sempre que vou a Miranda, chamo por êle. Vejo e torno a ver. Alegro-me. O maior dos nossos *miraculados!*

Agora vamos a caminho de Lisboa, com paragem intermediária. Foi numa casa airosa, dentro de uma quinta murada, no seio de uma Família amiga. Fômos prá mesa. Eram os Senhores da casa, eram algumas pessoas de família, eram alguns convidados. Era eu. E era uma distinta sobriedade de coisas da nossa terra, com nomes portugueses, a saber a Portugal. Fiquei aquela noite em lençois de linho fino. Sonhei com o *Radio* a pedir o conto e meio. O senhor da casa, além do mais, do muito mais que tem feito pela Casa do Gaiato, deu-me prá gasolina e as creadas da casa, juntaram-se num só pensar, e deram 40\$00 para os seus rapazes. Tinha visto uma abrir o leito onde dormi. Tinha visto outra a servir o jantar. Vi agora uma terceira. Todas teem o ar de quem está em sua casa, comparticipantes das alegrias e tristezas dos seus Senhores. Ali é Portugal. Chegamos a Lisboa ao principiar da tarde. O porteiro do Francfort do Rocio, deu-me uma coisa que lá tinha. Eram missais. A' noite, instalado, pego num jornal de sobre a mesa de leitura. Era o *Janeiro*. Vinha lá a falar da amante de Mussolini. Que fôra desenterrada, por causa de um tesouro, o qual desaparecera a caminho de Milão, conquanto tivesse sido escollado

Há aqui em Paço de Sousa um residente que não é de Paço de Sousa, e apostou não sei a quê nem com quem, de como havia de oferecer à Casa do Gaiato todas as crias de uma sua vaca. Tem ganho. Chegou ontem mais uma vitelhinha — a terceira. Temo-las cá todas. A primeira que já é nossa há uma data de meses, vai-nos dar brevemente uma cria, também. Mais do Luís Zeferino, um *homem* de quatro anos, natural de Abrantes, um cartucho de amendoas *prós nossos homens*. As gêmeas Maria Amélia e Maria de Lourdes, também se querem meter com a nossa gente, e mandaram 20\$00 do mealheiro delas e ainda por cima cravam um seu tio com 50\$00. Mais canecas de alumínio. Mais 3 pares de peugas *para seu uso*. Sim senhor. Muito bem e muito obrigado.

Aqui em casa é uma festa com as peugas por causa de serem muitos os pés e poucas as meias. Mais 100\$; de Oliveira de Azemeis. Mais uma batelada de cartuchos e envelopes, retirados do *Depósito*. De onde também se retirou uma caixa de vinho, junto a meia do dito, que alguém despachou para Cete, temos as dezoito garrafas de vinho do Porto, que fizeram a nossa Páscoa. Mais 20\$; Mais, de algures, um caixote de roupas que foram de um estudante. Primeiramente chegou a encomenda. Abriu-se; oh espanto! Que será isto? Dias após, veio a carta a elucidar Vinha de dó. Era a Mãe. *Tinha 18 anos e era a minha alegria*. Mais 20\$ e livros. Mais roupas, tudo com recado de que podem ser usadas sem perigo. Muito bem. Isto é muitíssimo importante. Mais uma carta a dizer — *tenho a sua obra dentro do coração e com ela uma nota do Banco*. Da inteligência saem os inventos mais descobertas. Do coração — o amor.

Mais de Lisboa 50\$ Mais, outra carta de Lisboa a dizer: *mando-lhe o que tenho de mais querido é a roupa que meu marido tinha no corpo na hora em que faleceu, num acidente*. Esta viuva não o diz, mas também tem a Obra no coração. Mais dois mil escudos de um senhor que os foi deixar no *Espelho*, a dizer que tencionava vir. Venha meu senhor! Pelo que se vê, já cá tem um bocadinho do seu coração. Mais três mil escudos de um Desconhecido que mora em Lisboa, por intermédio de um senhor conhecido e amigo e que não mora em Lisboa. E' sempre assim pelas festas do ano. Lá vem o chequesinho com duas palavras. Conheço o envelope. Conheço a letra. *Cá está*, digo com os meus botões. Abro e... está. Mais o peditório na igreja de Nossa Senhora da Conceição, a qual constou de uma aliança de ouro e uma carapuçada de dinheiro. Eram o Teles e o «Piolho» e o Zé Eduardo a pedir e a contar. Foi-se a ver: sete contos de rei. Mais aviso de roupas vindas de Lisboa. Mais um senhor também de Lisboa, que se propõe pagar a assinatura com uma pancadaria de medicamentos. Mais 100\$ outra vez de Lisboa. Se o *Periquito* ler tanta Lisboa, vai já dizer à malta que Lisboa está a armar-se!

Mais duas notas de mil escudos em uma casa amiga da capital, aonde fui bater, na recente visita àquela cidade. Mais no *Depósito* uma carapuçada de coisas. Vinha lá um senhor dentro de um envelope a pagar cinco anos de *O Gaiato* com uma nota de cinco centos. Cinco anos de paz. E' o equilibrio. Outros haverá que chegado o fim dos cinco anos, não têm pago o primeiro. Mais 50\$ dos empregados da Vacuum. Eu era para pedir à Vacuum ou à Shell ou à Atlantic uns litrinhos de gazolina dentro de um bidon, pró *Morris*, que não anda sem ela. E' o unico defeito que o carro tem. Era pra pedir, sim, mas antes quero que me despachem para Cete sem eu pedir. E' mais elegante. Vamos a vêr. Também recebemos roupa branca para o Pepe, como vinha recomendado na carta, e assim se cumpriu. O Pepe é dos que já ganham. Veste-se e calça-se à sua custa.

Alguma coisa, pois, que venha para ele ou para outros, em idênticas circunstâncias, tem de ser respeitada a vontade do oferente.

Mais, outra vez deixado sobre a minha mesa de trabalho, por aquele ou por aquela visitante, ou ainda por um casal, (não sei) uma nota de 500\$ e mais 355\$ com nota especial de aplicação e um par de sapatinhos quase novos e peugas da mesma sorte. A letra é a mesma de sempre. As quantias, semelhantes. Sapatos também vieram da outra vez. Não estava em casa. Não sei de quem se trata. Só sei o que o Amândio me informa: *quando lá forem uns senhores a dar muita coisa e a escrever um bilhetinho, é a minha senhora*. Será?

Mais 50 litros de azeite. Não é o azeite que eu quero trazer hoje aqui. E' mas é a maneira de o ofe-

até lá. Dobrei o jornal. Fechei os olhos. Meditei. Qualquer coisa serve para ponto de meditação, quando se anda afeito a reflectir.

Que vida não deve ser a de homens que tal morte merecem!

recer. Nunca vi tal! O senhor, manda duas cartas feitas e subscritadas e seladas, dirigidas ambas ao feitor da sua quinta, no alto Douro, uma delas com dois selos a dizer *registada*, pelo punho do Senhor. Dentro, todas as instruções. De tal forma que para mim, só fica o trabalho de juntar a carta de porte do caminho de ferro, a guia de transito da Comissão Reguladora, fechar e mandar pró correio. Mais nada. Vem, ainda, uma carta dirigida à minha pessoa a esclarecer e a dizer uma coisa muito linda. Tão linda que a vou transmitir: «Peço não dê no jornal qualquer noticia por onde se possa conhecer a minha identidade. Convém, já se vê, anunciar a oferta para despertar, talvez, outras, mas sob um rigoroso anonimato.»

Eu tenho que estas ofertas e maneira de oferecer, tornam melhores os bons e envergonham os que nunca fazem nada pelos seus irmãos. Mais 20\$ de F. C. do Porto. Mais de Lisboa uma bola. Bola de jogar, não de ler. E' de mando do Peyroteo. O que por cá aconteceu à chegada dela, não é de dizer a ninguém! Aprendi, com o facto, uma grande lição. Eu já sabia que as paixões cegam; mas tanto, não. Pois este senhor tão amigo, que nos maoda de tão longe uma bola como nunca tivemos nenhuma, no dizer de Sérgio e outros. Tão generoso, tão desinteressado. Este senhor, digo, foi aqui pateado na hora em que a bola apareceu!

Que não. Que não é nem sequer o melhor de Portugal, quanto mais agora do mundo. Que se calhar ele foi pedir dinheiro emprestado ó Caiado prá bola! Era o *Pastelão* que falava assim. Ele é do Boavista. Faltavam cá os da casa do Porto. Eles são sportinguistas. Alguns teem, até, suspenso nos ferros da cama, os onze do Sporting. Sim. Faltaram. Se cá estivessem, teriamos sangue pela certa. Já não é a primeira vez! Mais de Riachos uma caixa de latas de tomate em conserva. Mais um pacote da União Gráfica com missais. E mais nada.

## Cantinho dos rapazes

Meus filhos: a liberdade é o dom mais precioso que Deus nos dá. E' êle, este dom, que nos distingue das outras criaturas. Mas, — cautela. Não abuses. Pode acontecer que, à força de ouvires dizer que o homem é livre e tu mesmo queres, também, armar em livre, pode muito bem acontecer, digo, que venhas a dar mas é num libertino. Ora a que propósito vem isto tudo, pergunta um de vós? Eu digo. E' uma prevenção. E' um conselho amigo. E' que, quando algum dos mais velhos e que já ganham a sua fêria, tiver de ir ao Porto comprar as suas coisas, não deve nunca julgar que, por ir sózinho, pode fazer o que muito bem lhe apetece, antes, justamente porque vai só, deve mas é ir cheio de medo de si mesmo, não vá cair na tentação da rua! Estais a compreender?

Há dias, foi o António Carpinteiro representar a nossa casa, numa festa em Pombal. Foi sózinho. Outros, terão amanhã outras missões. Vão todos sosinhos.

Se quizeres usar da tua liberdade segundo os mandamentos da lei de Deus, por onde quer que passes, espalhas luz e fazes bem aos que contigo falam, a perguntar quem és. Guarda contigo a nossa divisa, que também é preceito do Senhor: *Tudo vos é permitido, — menos pecar*.

Tanto em casa como fóra dela, esta bandeira vale. E' a nossa bandeira.

## No Coliseu do Porto

Dá-se hoje definitivamente a data em que se vai apresentar naquela casa de espectáculos um nunca visto, a saber: O documentário da Casa do Gaiato e, imediatamente a seguir, o documentado. Ora aqui está. E' no próximo dia 12 de Junho.

Estão os rapazes de Paço de Sousa. Estão todos os do Lar do Porto. Estão alguns do Lar dos Pupilos dos Reformatórios de Coimbra. Está a Obra da Rua. Que ninguém falte.

## De como correu a nossa Páscoa e do mais que

### aqui se relata

A nossa Páscoa começou na Quinta-feira Maior, logo de manhãzinha, num ambiente de catacumbas. Assim tinha de ser. Nós somos uma família cristã. E' para nós a palavra de ordem: *Pascha nostrum imolatus est Christus*. Eu peço desculpa aos meus leitores da impertinênciasinha do latim, mas sabe-me tão bem! Gosto tanto de dizer tal qual vem nas cartas do Apóstolo: *A nossa Páscoa é Jesus crucificado*.

Assim fizemos aqui a nossa preparação com esta verdade eterna. Quem disse que esta sorte de rapazes não escuta, não saboreia, não assimila, —quem? Eu acredito nas potências da alma. Eles são terreno adequado.

Depois da quinta, o Domingo. Há na aldeia grande interesse. Corria que os do Lar do Porto vinham passar a Páscoa connôco. Falava-se num desafio de bola. Dão-se as derradeiras pinceladas no campo, pró que der e vier. Nas casas, os mais pequenos, vão às flores. Enfeitam. Os cozinheiros teem instruções de melhorar. Os forneiros, de aumentar. O número de cartas dobra. O do correio vem espantado: *olhe práqui*. Não são cartas de família dos rapazes. Eles não teem família! São daquelas pessoas que fazem seus estes nossos. São cartas escritas com lágrimas em vêz de tinta!

Chegou o Domingo e com ele tudo como se esperava. Não se cabia dentro da aldeia, tanta era a alegria. Do Porto estavam 28. De Coimbra 2. O sacristão, pôz os seus dedos no arranjo da capela. Os melhores brocados. As melhores flores. As pratas. Oiro. Pedras preciosas. Cento e sessenta que foram da entulheira, assistem à Missa da Ressurreição, alguns deles de missal, competetrados. O orfeão está.

*Ressurrexit!* Mais latim. Mais desculpas. Ressucitou. Estavam ali os ressuscitados. Foi-lhes pregado o facto. Que sim. Que Jesus ressucitou. Que os discípulos viram. Que se chamam, por isso mesmo, os apóstolos da ressurreição. Os delirantes. Que não sabiam pregar mais nada nem viver mais nada senão somente aquela verdade: *Ressucitou; somos testemunhas*. E deixaram-se matar pela verdade que pregavam! A seguir, no uso da palavra aos ressuscitados presentes, fêz-se a aplicação da doutrina a cada um, que isto é precisamente aonde se encontra toda a riqueza do evangelho. Que nós devemos viver a ressucitar. Que todas as vezes que a gente procura emendar-se de uma falta, resistir a uma tentação, expurgar-se de um vício, levantar-se de uma queda; sempre que assim fazemos, com a consciência acêsa, —ressuscitamos. E' uma ressurreição com Cristo. Quem está pois a julgar que não vale a pena dizer coisas altas a gente baixa?! O evangelho é alto? Não. Ele é para nós. Ele está à nossa altura. Então quê? Nós é que temos medo de subir! Quantos não há por aí fóra que não acreditam na Ressurreição de Jesus, porque não acreditam na deles—quantos?

Aí vem a hora de comer. Na cozinha era um ferver de panelas e de tachos e de rapazes. O *Chegadinho*, o *Magala*, o *Russo*, o *Zé da cozinha*, o *Joaninha*, o *Pirulas*, os cozinheiros, a *senhora*. Uma perúia com 7 patas, uma galinha com 12 perús, mais duas galinhas com uma data de pintos. Os refeiteiros a pedir loiça e colheres. O *Figados*, que é o de refeitório dos *Batatas*, a pedir as coisas dele. Os dos recados a entrar e a sair: *minha senhora, que vou fazer agora?! Oh desordem!*

Os chefes, no refeitório, dão as últimas pancadas. O *Lua mai-lo Amadeu*, vão ó vinho. O senhor professor, abre 4 garrafas do Porto coloca ao pé os copos, prá não haver demoras. O Constantino, conta dez amêndoas e bombons a cada bico. No refeitório dos *Batatas*, além das ditas, há mais uma fatia de pão leve e o mesmo se diz dos do hospital—o privilégio de pequeninos e doentes. Não havia pão leve pra todos. Toca a sinêta. Lá vem a tropa. Estava uma família de Lisboa, que de propósito nos veio visitar. Assistiu. Não sei as impressões. Não quiz perguntar. Só sei que, se algum dia houve desordem na entrada dos rapazes, foi no dia de Páscoa deste ano! Ele amêndoas. Ele chocolates. Ele vinho fino. Ele 28 do Porto. Ele 2 de Coimbra. Ele era domingo de Páscoa! Deante de mim, à mesa, aparecem 3 ovos de garnizé, tingidos. Desconfiei, mas não sabia a certeza. No decurso do jantar, soube. Fôra o *Periquito* que os mandou tingir. Ovos da garnizé dele. Chamei o *Periquito* à minha beira e disse

E se eu encastoasse muitas cartas neste numero, a matizar! Tenho tantas! Recebo tantas, todos os dias! São desabafos. São necessidades do espirito. Revelações. Coisas escondidas no fundo das almas, trazidas à tona pela leitura do jornal. Pois que Deus me ajude.

«Para um doente crónico, há longos anos «entregue à esperança de uma cura que tarda, são «as palavras do jornal que me dão alguma vida. «Peço-lhe encarecidamente que me não falte com «elas».

Meu caro senhor, ponha as coisas no seu devido lugar. Olhe que as palavras não são do jornal. Não são minhas. Se o fossem, valiam tanto como eu. Por muitos modos e de muitas maneiras fala Deus às almas. Ora aqui tem.

Diz êste leitor, doente como é, e doente de há um rôr de tempo. Diz êle que são as palavras do jornal que lhe dão alguma vida. E' que já a tem. Não dão, aumentam. Mais. Este senhor saboreia porque vive. Pede encarecidamente, porque vive divinamente. *Bemaventurados os que teem fome e sede de santidade*. Todos quantos gostam da leitura do jornal, são ouvintes fervorosos do sermão da montanha!

Que vamos dizer da multidão dos indiferentes; dos que não querem ler; dos que afastam os vendedores com palavras indecorosas?

Na venda passada, o Elvas pôs os olhos no chão, corado de vergonha; *um senhor disse uma coisa!* Sim. Que vamos nós dizer destes? Eles são a maioria! Não dizemos. Não afirmamos. Não condenamos. Baste-lhes a sua infelicidade. Não vivem. Arrastam o tempo.

#### MAIS OUTRA:

«Aproveito o ensejo para agradecer, como «católico e como português, a grande obra de «caridade que empreendeu. A santa revolução «que ela representa, constitue a melhor apologia «de cristianismo e a mais adequada aos tempos «que correm. Já estou a entrar na velhice, mas «ainda tenho muito trabalho, faltando-me, porisso, «o tempo para ler os jornais (mesmo os católicos) «que assino por dever de auxiliar a boa imprensa. «Mas do Gaiato não me escapa uma só palavra. «Leio-o todo e... fico consolado. Que grande, «oportuna e proveitosa pregação!

«Isto não são elogios. E' aplauso que não «posso reprimir».

Meu caro senhor, nem todos aplaudem. Há muitos, infelizmente, que se sentem diminuídos, afrontados. Afligem-se. Há sim senhor.

Ainda não há muito tempo que eu levei uma tarefa no fundo de um quinzenal. De um colega, pois que além de ser quinzenal é, também, jornal católico, assim como êste o é. Pois é mesmo assim. Apanhei boas. Primeiramente, recebi um numero, com grandes sinais a tinta vermelha, no sítio da tarefa. Passados tempos, recebi outro numero do mesmo, nas mesmas condições! E ainda um outro numero, um nadinha mais tarde. Coisa muito bem feita e muito bem calculada, meu senhor. Quando lhes parecia que as teridas estavam a querer sarar, nova pancada; *toma e lê!* Assim, os senhores do quinzenal, gozaram três vezes. Não é por mim, meu senhor. E' por eles que as feridas me doem. Um jornal católico devia gostar da luz e espalhar a luz. Seriam mais ansiosos. Mais preferidos. Todos, mesmo aqueles que teem muito trabalho haviam de os ler sem lhes escapar uma só palavra e... ficar consolados. Mas não acontece assim. Metem a luz debaixo do alqueire. Contentam-se com um Cristo morto

que teria sido muito melhor se ele, *Periquito*, viesse pessoalmente fazer a oferta. Ele responde: *não me parece. São ovos de garnizé. Cá em casa há só uma garnizé. E' a minha, por isso os ovos só podiam ser oferta de um.*

Ora isto seria tudo muito certo se eu visse aqui oferta desinteressada, mas não é. *Periquito* gosta muito de leite e anda sempre atrás de mim, por ele: *ande lá; diga ós cozinheiros, que eles não mo querem dar!* E eu passo aqui tormentos a recomendar!

Chegaram as 18 horas. E' a debandada. Lá se vão os hóspedes; os do Lar do Porto. Estes perderam o jôgo. Eu tinha apostado por eles, e também perdi!

Depois do que comemos o caldo, demos graças e fomos prá cama.

e sepultado. Não o querem ressuscitado. Não o querem vivo. Não querem que Ele reine. Eles, os *homensinhos* dos periodicos; êles é que querem reinar! Dá pena! Sim, meu senhor. E' por eles que as feridas tanto e tanto me fazem doer.

#### AINDA MAIS OUTRA:

«A leitura do último numero do seu jornal «(como de resto tem acontecido com todos os «outros numeros) comoveu-me profundamente. «Todas as vezes que leio o seu jornal comove-me, «choro, mas torno-me melhor. Deus lhe pague, «além de todo o bem que faz pelos «gaiatos» «das ruas, o bem que faz a todos que o conhecem.

«Sou nova e pouco tenho de meu, mas há «uma coisa, pobresinha, que os seus rapazes pre- «cisam e que eu posso dar a um dêles. Só a um! «E' pouco, muito bouco, mas em todas as páginas «dêste missal vai um bocadinho de amor por «Cristo, e um bocadinho de amor por sua Obra. «Este livro de missa que juntamente lhe mando, «foi meu desde pequenina, desde que, soletando, «mal sabia lêr o nome de Deus. Mas foi sempre «com o coração feliz e com a alma pura que o «folhee e que, por meio dêle, louvei o Senhor. «Agora já estou maior, já tenho outro livro, e «guardava-o para os meus filhos. Mas, se ainda «estou solteira, quando poderiam os meus filhos «utilizarem-se dêle? Por isso, mando-lho e peço- «lhe que o dê a um dos seus rapazes. Eu sei que «não tenho direito a pedir coisa alguma, mas gos- «taria tanto que estas orações que eu rezei em «criança, fossem, agora, repetidas por um Alexan- «dre. Haverá aí algum? Desculpe-me, mas se fôr pos- «sível satisfaça o meu desejo, e peça a Deus que me «torne digna de graça que insistentemente lhe peço, «e que me esforço por merecer. Diga também ao «pequeno contemplado que rezarei por êle, para «que Deus o proteja e o torne um Homem. «Perdoe escrever-lhe em anonimato, mas, que «poderá interessar o meu nome? Mas acredite «que êle é acima de tudo o duma pessoa que crê «em Deus e que vê na Obra da Rua, uma obra «de Deus».

E' a primeira vez na minha vida que me aparece uma carta assim! Tenho medo de a comentar! Não há mundo que a mereça!

Senhor Deus, Beleza Increada de Quem todo o bem procede; esta carta vem dizer ao mundo desorientado que vós sois o Pai Vivo, fonte inexgotável de lágrimas de vida!

## Notícias da Casa do Gaiato de Miranda

por João Carlos Freitas

### A Páscoa dos Pobres da nossa conferência

Os pobrezinhos da nossa conferência também não podiam ficar como se costuma dizer, a ver navios.

Levamos-lhes um pouco de arroz, pão, bacalhau, e amêndoas. Todos com um sorriso nos lábios nos agradeceram e alguns se nos pudessem por de corpo e alma no céu, logo ali nos tinham posto. Também pedimos a caderneta militar ao pobrezinho do Carapinhã porque um Doutor de Coimbra a quere pagar.

Já fica livre de uma grande despesa. Despedimo-nos e viemo-nos embora.

Os pobres que agora merecem mais compaixão são: o da Capela da Senhora da Boa Morte.

A casa deles parece a habitação de muitos santos antigos que viviam nos desertos é onde habitavam cavernas, pois é constituída somente por um corredor que não chega a ter um metro de largura.

Uma parte um pouco larguita está cheia de água e outra parte tem apenas uns utensílios com os quais fazem o comer.

Mesmo aí vivem por esmola.

Ainda tiveram muita sorte em não serem atingidos quando desabou a casa.

A nossa conferência na sua missão de fazer bem procura uma casita que se possa alugar onde depois irão morar.

# MIRANTE DE COIMBRA

Como o pobre pescador que lança um último olhar sobre a sua modesta casinha e se faz ao mar alto, sobre ondas encapeladas, para ganhar a vida, arriscando-a constantemente—assim eu faço todas as vezes que deixo a modesta casa de Miranda para baixar à cidade onde o mar alto da miséria me cerca em vagas contínuas.

Tantos que buscam os grandes centros por neles encontrarem conforto, distração e vida fácil, quando para mim tudo é trágico como o cortejo que se dirige ao Calvário.

Assim hoje, sexta-feira Santa. São quasi três horas. Entro no Bairro das Latas. Um grupo de mulheres desgrenhadas, de blusa rasgada, roucas de tanto gritar, vem ao meu encontro.

—Que desgraça padre, olhe para aquilo. Uma fásca que incendiou aquela casa!

As ruínas fumegavam ainda. O prédio não era dos mais pobres, mas os Pobres todos, num altruísmo comovente, foram os primeiros a acudir.

Mais uns passos e noto que outra trovoada tinha desabado sobre aquele pobre bairro:—recebemos ordem para abandonar as barracas! Para onde havemos de ir?

Há consternação geral. A paixão de Cristo continua. E' de esperar que os homens tão treinados na arte da destruição nesta era da bomba atômica, reflitam um momento, antes de aniquilarem o miserável abrigo das 250 famílias que povoam o bairro. A história não regista o nome de nenhum trolha de camartelo em punho, mas no coração dos homens fica sempre gravada a memória dos construtores dum mundo melhor.

O nosso pequeno cronista descreve noutra lugar o que foi a Páscoa dos Lázarus. Aqui apenas registo um encontro dos muitos que confirmam a nossa necessidade de pedir, oportuna e importunamente, dinheiro, revistas, roupas, carinho, muito carinho para os feridos da sorte.

Entre duas camas, onde jazem duas criancitas macilentas, lábios cobertos de sangue, pedindo água, debruça-se um pobre aldeão que as contempla meditabundo, de luto carregado.

—São seus filhos? perguntei.

—São sim, padre; dos onze que tenho, sete estão com esta doença.

—E parece que lhe morreu alguém.

—A minha pobre esposa.

Guardei silêncio perante dor tamanha, mas o pobre homem atalhou, ao mesmo tempo que as lágrimas lhe saltaram. E' o castigo dos meus crimes...

Sim; o crime deste pobre homem é ver morrer os seus, sem ter meios para valer-lhes. Mas eu bem sei quem são os verdadeiros criminosos.

Agora é uma pobre mulher que me procura, rodeada de cinco filhitos. O ultimo, que nasceu no choupal, numa noite tenebrosa, como há tempos aqui dissemos, vem já por seu pé. E' um Manuelzito de palmo e meio. Moram lá mais para o sul, numa choupana que lhe demos. O marido encontrei-o há pouco numa cama do hospital.

Condoído da sorte daquelas crianças que vagueiam sem rumo, quiz tomar conta duma que me parecia de melhor apresentação.

—Como te chamas, meu menino?

—Maria!

—Quê?!

—Maria, sim! esclarece a mãe, é uma menina.

Como não tem mais nada que vestir, trás as calcitas do irmão.

Envergonho-me de fazer pedidos deste género—roupas usadas de todos os tamanhos e feitios—mas maior vergonha nossa é sabermos das privações dos nossos irmãos e fecharmo-nos na torre de marfim do nosso egoísmo.

A nossa Páscoa veio de véspera com o gaiateiro. Não esperou pelo domingo próprio. Foi no Café de Santa Cruz. Setenta garotos da rua abandonaram. Os copos de leite e arrufadas giraram por entre as mesas compactas. No fim, a conta estava saldada! Havia mirones, jornalistas e fotógrafos que registaram coisas bonitas, mas a mais linda registou-a eu. Foi o sacrificio de cinco esterqueiritos que começaram a varrer as ruas às cinco da manhã e se mantiveram em jejum até às dez, para poderem tomar parte na festa eucarística. Tantas pérolas na estrumeira dos serviços de Higiene!

—De Matozinhos os 20\$ habituais. Do Estoril um vale de 260\$. Revistas na Gráfica. Dum grupo recreativo do Porto, 25\$ para os pobres

## Isto é a Casa do Gaiato

## Venda do numero 82

ESTAVA eu aqui agora mesmo a conversar com um visitante, quando aparece um dos nossos cozinheiros a dar um recado, de mãos ocupadas com um dos gatos, a fazer-lhe caricias! Cá por mim, não se me dá. Estou afeito àquelas vistas. Eles fazem-me destas a cada hora. Temo, porém, quanto ao senhor; ao senhor visitante. Tanto mais que, como ao depois vim a saber, trata-se de um educador. Ora destes é que eu tenho medo. Deles é que eu tenho apanhado!

OUTRA. O mesmo gato, que se chama entre nós o *Gato do Carlos*, por ter sido ele quem mais o acariciou em pequenino; pois este gato ia ontem ó colo do João Francisco e este com uma gamela de massa à cabeça, a dar serventia aos pedreiros. Passou ao pé de mim neste propósito e não fez caso. Seguiu, gamela à cabeça, a correr a mão pelo dorso do bichano! Oh desordem!

MAIS outra. Agora é o António. O Cete que é empregado na administração do famoso e vai também pelas cartas e vales e encomendas à C. T. T. de Paço de Sousa e de Cete. Pois ontem, o Cete, veio aqui ó meu gabinete em serviço e enquanto eu dou despacho, ele rapa de uma codea que trazia no bolso e desata a comer. Comeu, comeu, comeu. Tanto durou o meu despacho quanto a codea dele. Ora isto é uma falta de respeito ó senhor director. Uma notoria falta ó despacho do senhor director! Muito mais poderia contar. A nossa vida, aqui, é toda feita destes desmandos. Poderia, sim. Mas, visto que a nossa obra está actualmente a ser um bocadinho acreditada, não vá euargar.

QUANTOS estão cá em casa?—Somos 140.

—Eh tantos!

—Pois são. Antes fossemos só 10.

—O quê! Não queres para os outros ó bem que tens?

—O senhor não compreendeu? Quero sim senhor. Quero o bem de todos. E' que se fossemos só 10, era sinal que são poucos a precisar!

Aqui está um cicerone da Casa do Gaiato. O senhor do dialogo ficou admirado e eu também, ao ouvir. Ora porque é que não havemos de deixar os rapazes, estes rapazes, falar à sua vontade. Revelarem-se. Dizerem da sua justiça? A razão que ele dá do seu antes *fossemos so dez!* Como ele compreende o mundo! Como este tantos e tantos e tantos, que nunca desabrocham ou desabrocham mal, por causa dos tais sistemas de educar.

Ontem foi domingo. Visitantes e mais visitantes. Eles de comboio. Eles de automovel. Eles como calha. Os cicerones largam uns para tomar outros.

Um grupo quiz saber coisas e mandou-me chamar. Era um engenheiro com sua familia. Tinha suas duvidas, e quiz tira-las. Era sobre a percentagem dos rapazes que se aproveitam, e se eu estava satisfeito com essa percentagem. O que disse ao Visitante digo a todos. Estou sim senhor. Nós aproveitamos tudo. Nós somos testemunha de vista. Nascem coisas muito nobres na alma destes rapazes.

## Uma carta que eu escrevi

Sim. Eu também escrevo. Aqui vai ela: Meu caro Padre, nunca dou resposta a ninguem por causa da do NON. Dou-a, sim, hoje, a V. Reverencia para dizer a minha pena. Com a sua carta, vieram outras pelo mesmo correio, de Torres Novas, de Arouca, de Anadia, da Régua, de Santarém, de Lisboa e do Porto,—todos com casos identicos! E que fazer aos rapazes sem casa que se nos apresentam pelo seu pé?

Eu quero chamar-lhe uma carta aberta, muito embora a tivesse fechado e dirigido ao Pároco de Santa Marinha de Ribeira de Pena, o qual, pelo que vejo, quer amar os seus paroquianos.

E por isso mesmo que os quer amar, e porque o amor mais terno é aquele que à creança se devota, este meu colega tem de sofrer. Os pequeninos não teem ninguem, ninguem, diz ele na sua carta. Eis o panorama.

dos nossos tugúrios! O Porto é sempre Porto até para os pobres de Coimbra!

No hospital—50\$; mais 100\$ no mesmo hospital. Num vale, de Nordeste, 600\$. Para a bolsa de estudos dos nossos seminaristas—futuros continuadores da Obra—2.500\$. Mais revistas que os doentes devoram avidamente. 50\$ de Coimbra. De um grupo de Raparigas de S.to António dos Olivais 270\$. Roupas usadas e revistas na Gráfica. 48\$ no Banco S. S. Roupas num embrulho com 100\$. Na rua, à porta dum armazém, 2.500\$. Foi a maior bolada que me confiaram na rua. Outro tanto valeram as palavras de simpatia pela Obra que nessa altura ouvi. 500\$ para a Páscoa dos nossos Pupilos. 20\$ na rua. 100\$ na Casa do Castelo onde em vão vou muitas vezes bater. 30\$ num estabelecimento da Baixa. 70\$ e mais 20\$ da *senhora do leite* e um beijo ao gaiato que o vai buscar, por ele não aceitar 10\$ para as amêndoas da Páscoa. 160\$ novinhos em folha em carta p. m. p. 10\$ aos gaiatos que foram por quatro alqueires de milho à Louzã. 50\$ de visitante amigo. E muito mais coisas que foram a alegria dos nossos gaiatos pela Páscoa.

Coisa espantosa! O jornal é caro e é pequeno e é mal feito, pela falta de gramática e da devida pontuação. As gralhas são tantas e tão fundas, que eu próprio nem atino, por vezes, naquilo que queria dizer. Que será isto? Aonde o defeito, na mercadoria ou no comprador? Quem está avariado? Coisa espantosa! Os rapazes despacharam 2402 numeros. Nunca tanto como desta vez! Entregaram 1243\$10 de sobras. Tomaram onze assinaturas novas e receberam dinheiro de doze assinantes antigos. E isto duas vezes por mez, em todos quantos o ano tem, com feição de continuar. Coisa espantosa! O Amadeu voltou a usar a camisola amarela. Vai muito à frente de todos. Nem o Oscar nem o Teles, que já têm andado muitas vezes com ela. Pois o Amadeu trouxe pra casa 815\$40. Nunca tal se verificou. Viva o Amadeu! Vivam, também, os outros vendedores, que se eles não trouxeram tanto ou mais do que o VEDETA, é sómente porque lh'o não entregaram. Aqui é que está.

## UMA CARTA

E' da mãe do António; do Pernas, como a própria mãe endereça, pois deve ter sabido pelo Gaiato que o seu filho, aqui, mudou de nome. O Pernas nasceu no hospital... Cresceu nos Arcos de Miragaia e morava numa casota, mai-la mãe, antes de vir para onde hoje está. E' dos da erva e frequenta a escola da noite. A carta veio em mãos não sei de quem e a mãe dá nela a razão do facto: *assim Deus me ajude e me dê saude que nesta santa hora nem tinha dinheiro para o selo.* Não é escrita, mas é ditada pela mãe. E' a fala de mãe. Mãe angustiada. Angustia cristã, por isso mesmo chama *santa* àquela hora em quem sequer tem dinheiro para o selo! Logo a seguir, outra tirada divina: *Na Páscoa, quando beijares o senhor, pede-lhe que me dê saude.* Esta mãe deve ser do rol das enganadas. Elas são legiões, mais por fraqueza do que malícia, mas não se degradou. Ama o filho.

Escreve-lhe no dia dos seus anos: *E' na terça da semana que vem.* Sabe o dia. Sabe a hora. Foi no hospital de Santo António... Como há de ser amargo às enganadas, não terem ao pé de si o pai, na hora em que são mães; nem presença física, nem presença moral! Oh injustiça! Oh mundo que brinca com a vida, como fazem, na morgue os estudantes, com os cadáveres!

Depois de ter marcado ao seu filho o dia dos anos, dá-lhe a mãe mais uma prova de amor: *Hei-de vê se a Gilberta te manda uma prendinha, porque eu de maneira nenhuma posso.* Pede à Gilberta, talvez uma pobre como ela, quem sabe se também enganada... Ama o filho. Ama igualmente a Cruz: *Quando beijares o senhor...*

Esta mãe é uma doente, a julgar pelo que a carta diz. Vê-se nitidamente, não só por aquê *pede-lhe que me dê saude*, mas também por outras revelações: *andei a acarretar terra e senti-me muito mal. No dia seguinte ai estava eu a vê o resultado...* Doente, sim, e que doença!

Depois de ter lido eu mesmo a carta, chamei o Pernas ao pé de mim. Conversamos. Gostaria de o amar tanto como a Mãe, mas isso é privilegio! A loucura do amor passou de Deus a Cristo Jesus e também entrou um nadinha no coração da Mãe. Só ela. Nós não sabemos amar.

Conversamos.  
—Sabes aonde mora a tua mãe?  
—Cuido que sim.  
—Queres ir vê-la?  
—Quero sim senhor.  
Foi ele mesmo dar à sua mãe o que ela lhe não podia dar. Ele foi a prenda de anos. Regressou à noitinha. *Ela ficou muito contente de me vê.* Disse que agora ficava com mais saude. Chama à alegria saude, a Mãe do Pernas! Mulher que lê esta carta; se és Mãe, limpa as lágrimas, beija os teus filhos, indaga de Deus qual a razão do teu Bem e ama. Ama.